



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

"A gente acostuma os olhos?: pescadores artesanais de tarrafa e botos-de-lahille nas paisagens da Barra do Rio Tramandaí

Autoria: Emanuely Silva (Instituto Nautilus de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade), Ignacio Benites Moreno

Enquanto unidade que dialoga com a ideia geográfica de espaço, território ou região, a paisagem é um conceito multifacetado que nos auxilia no entendimento dos fenômenos, das interações entre distintos grupos animais e das expressões culturais humanas. Estudos das relações entre pessoas e natureza atuam como instrumentos de compreensão das afetividades e percepções que envolvem complexas teias de relações, o que possibilita-nos encontrar nexos de relações entre humanos e não humanos para pensarmos numa unidade dinâmica a partir do entrelaçamento de ambos em determinado contexto. Na costa do Rio Grande do Sul, ocorre um formato peculiar de interação entre humanos e não humanos: a chamada pesca cooperativa. Prática ritualizada e tradicional que consagra a Barra de Tramandaí, no Litoral Norte do estado, como uma das duas localidades mundiais onde sistematicamente essa prática acontece. Os botos *Tursiops gephyreus* e pescadores artesanais de tarrafa cooperam na pesca da tainha (*Mugil liza*). O boto sinaliza o momento apropriado para os pescadores jogarem suas tarrafas na água, otimizando a atividade de pesca e a



energia despendida por ambos. A relação estabelecida entre homem e animal é composta por um forte grau de reconhecimento, quando estes pescadores dão nomes aos botos ainda filhotes, nome esse que permanece o mesmo ao longo da vida do animal. A área de estudo localiza-se na Barra do Rio Tramandaí, um estuário no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. A proposta do artigo envolve um diálogo entre os campos biológico e antropológico e busca entender as manifestações bioculturais presentes no contexto pesquisado, a partir do convívio com a comunidade dos pescadores artesanais, praticantes da pesca cooperativa para compreendermos como reconhecem as paisagens em que estão inseridos e se relacionam cooperativamente com os cetáceos. Além da observação participante, aplicamos um questionário aberto e semi-estruturado, e através de métodos qualitativos, analisamos os resultados obtidos. A paisagem é lida por estes trabalhadores a partir de experiências portadoras de significados, que repercutem nas visões de cada pescador sobre as paisagens que ele pratica e sobre as afetividades que despertam. Nossa leitura do espaço neste artigo está embasada na forte influência dos conhecimentos vinculados à pesca artesanal, considerando, ainda, a partir do convívio com cada pescador os saberes desempenhados individualmente mediante suas percepções das paisagens da Barra e as relações particulares que estabelecem com os botos.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: